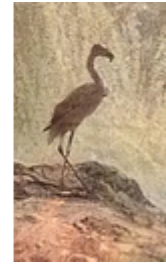


issn: 2176-5960

Προμηθεύς

journal of philosophy

n. 38 January / April 2022



ERIC VOEGELIN E “A ERA ECUMÊNICA”: HISTORIOGÊNESE, IDEOLOGIA E REVOLTA EGOFÂNICA

Anderson Barbosa Paz Brasil
Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais UFPB
Assistente em Administração UFPB

RESUMO: O quarto volume da obra “Ordem e História” de Eric Voegelin, intitulado de “A Era Ecumênica”, marca a última mudança no pensamento do filósofo alemão. Voegelin rejeita uma concepção linear da história e sugere que as “irrupções espirituais” das civilizações se tornem o objeto de análise para identificar a “ordem da história”. A partir disso, Voegelin rejeita os sistemas imanentistas da modernidade, notadamente, ideologias, como “revoltas egofânicas” que trazem desequilíbrio no Intermédio ou “metaxia” entre o cosmos e o além. O objetivo do presente artigo é identificar a concepção de história e a crítica às ideologias modernas na obra “A Era Ecumênica” de Eric Voegelin. Adota-se metodologia exploratória e abordagem qualitativa na investigação do objetivo proposto. O trabalho conclui que, apesar da importante crítica voegeliniana à perda de fundamento transcendente da política moderna, a filosofia política do “último Voegelin” de “A Era Ecumênica” tem pouco a dizer sobre a política concreta, revelando-se uma filosofia da consciência apolítica em sentido normativo.

PALAVRAS-CHAVE: A Era Ecumênica; Eric Voegelin; História; Ideologia; Revolta Egofânica.

ABSTRACT: The fourth volume of the work “Order and History” by Eric Voegelin, entitled “The Ecumenic Age”, marks the last change in the thinking of the German philosopher. Voegelin rejects a linear conception of history and suggests that the “spiritual outbursts” of civilizations become the object of analysis to identify the “order of history”. From this, Voegelin rejects the immanentist systems of modernity, notably, ideologies, as “egophanic revolts” that bring imbalance in the Intermediate or “metaxia” between the cosmos and the beyond. The aim of this article is to identify the conception of history and the critique of modern ideologies in Eric Voegelin's “The Ecumenic Age”. An exploratory methodology and a qualitative approach are adopted in the investigation of the proposed objective. The paper concludes that, despite the important Voegelinian criticism about the loss of transcendent foundation of modern politics, the political philosophy of the “last Voegelin” in “The Ecumenic Age” has little to say about concrete politics, revealing itself as an apolitical consciousness philosophy in a normative sense.

KEYWORDS: The Ecumenic Age; Eric Voegelin; Story; Ideology; Egophanic Revolt.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é identificar a concepção de história e a crítica às ideologias modernas no quarto volume da obra “Ordem e História”, a saber, “A Era Ecumênica”, de Eric Voegelin. Nessa obra, Voegelin rompe com o projeto inicial da série “Ordem e História” que era identificar a ordem da história a partir de uma concepção linear da história da ordem. “A Era Ecumênica” representa uma mudança significativa no pensamento do autor à medida que ele abandona uma concepção linear e iluminista de compreender a história e adota uma atitude intelectual meditativa ou racionalidade noética (“nous”) que investiga os padrões de significado da história da ordem através de “irrupções espirituais” ou “eventos hierofânicos”.

Para Voegelin, a história não deve ser concebida como um processo de discernimento linear crescente da ordem do ser, pois é impossível uma história da ordem com base na sequência do tempo (“historiogênese”). Voegelin propõe identificar o curso do divino na história da ordem por meio de “irrupções espirituais”, como as de Moisés e de Cristo, aceitas como fontes de significado na história. Nesse sentido, a história deve ser entendida como o processo de participação humana no fluxo da presença divina com direção escatológica. O processo da história é um mistério em processo de revelação. O homem busca captar pela consciência as epifanias divinas, transformando-as em símbolos. Assim, a captação divinal não é uma história unilinear, mas uma participação no fluxo da presença do Deus oculto.

A partir desse pressuposto, o propósito de “Ordem e História” tornou-se compreender o domínio da consciência no Intermédio divino-humano (“metaxia”). Para apreender o significado divinal, Voegelin propõe que a análise se mova para trás, para frente e para o lado, a fim de encontrar os padrões de significado na autointerpretação de pessoas e sociedades na participação do divino. “A Era Ecumênica”, que vai dos persas à derrocada dos romanos, apresenta a gênese do problema ecumênico e suas complicações.

Adota-se metodologia exploratória e abordagem qualitativa na investigação do objetivo proposto. Em primeiro lugar, buscar-se-á identificar o lugar de “A Era Ecumênica” na obra de Voegelin. Em seguida, tratar-se-á da concepção de história e

participação no Ser. Em terceiro lugar, abordar-se-á a crítica às ideologias modernas e o conceito de “revolta egofânica”. O trabalho conclui que, apesar da importante crítica voegeliniana à perda de fundamento transcendente da política moderna, a filosofia política do “último Voegelin” de “A Era Ecumênica” tem pouco a dizer sobre a política concreta, revelando-se uma filosofia da consciência apolítica em sentido normativo.

1 “A ERA ECUMÊNICA” NA OBRA DE ERIC VOEGELIN

A obra de Eric Voegelin teve como objetivo principal o conhecimento da ordem – científica, política, social, da história e da consciência. Para Voegelin, “*ordem* é a estrutura da realidade como experienciada pelo homem, bem como a sintonia entre o homem e uma ordem não fabricada por ele, isto é, a ordem cósmica” (VOEGELIN, 2007a, p. 117). Apesar de ter mantido o objetivo central de compreender a ordem ou a estrutura da realidade, o pensamento de Voegelin passou por algumas mudanças de enfoque ao longo de seu desenvolvimento.

Em suas “Reflexões Autobiográficas”, Voegelin (2007a) apresenta as principais influências no amadurecimento de seu pensamento, com destaque para as obras de Hans Kelsen, de Max Weber e de Carl Schmitt, ainda que se tenha mantido crítico a pontos diversos desses autores. Em 1924, Voegelin, quando foi aos Estados Unidos, é profundamente influenciado pelo pragmatismo americano e pela filosofia do senso comum, rejeitando a metodologia neokantiana. Em 1927, quando retorna a Viena, Voegelin passa a “priorizar o conhecimento de ideias específicas, para poder analisar o problema das chamadas ideias com o material concreto em mãos” (VOEGELIN, 2007a, p. 69). Ou seja, Voegelin passa a dar preferência à experiência concreta humana para compreensão da ordem.

Em 1928, Voegelin publica seu primeiro livro, “Acerca da Forma do Espírito Americana”, em que demonstra a influência do pragmatismo americano em seu pensamento ao sustentar que “as regras de interpretação não são válidas, *a priori*, porquanto decorrem da análise de elementos interpretados” (HENRIQUES, 2010, p. 51) empiricamente a partir da autointerpretação dos povos. Até o ano de 1938, Voegelin demonstra preocupação com os debates sobre raças e a relação entre ideologia e Estado. Nessa época, o autor publicou “Raça e Estado” (1933), “A Ideia de Raça na História das Ideias” (1933) e “O Estado Autoritário” (1934). Nessas obras, Voegelin analisa a ideia

de raça e denuncia a pseudociência da época, como também critica o coletivismo estatal que subordina o todo social a entidades como o Estado e o partido.

Com a invasão da Áustria pelos nazistas, em 1938, Voegelin foge para os Estados Unidos. Em 1939, Voegelin publica “As Religiões Políticas” com críticas ao coletivismo ideológico das religiões políticas modernas. A partir de então, Voegelin passa a trabalhar em sua obra “História das Ideias Políticas” (1939-1950) com o intuito de identificar na história das ideias a autocompreensão política dos povos analisados. Depois de ter escrito mais de quatro mil páginas desse projeto, Voegelin o abandona por entender que “uma história das ideias era uma deformação ideológica da realidade”, posto que “não haveria ideias se antes não houvesse símbolos de *experiências* imediatas” (VOEGELIN, 2007a, p. 102). A ênfase nas ideias como objetos primários deforma as experiências e sua simbolização.

Nesse momento, o autor faz a primeira mudança significativa em seu pensamento. O interesse de Voegelin “deixou de incidir sobre as ideias, passando a concentrar-se nas experiências da realidade cuja articulação tenha engendrado uma grande variedade de símbolos” (VOEGELIN, 2007a, p. 123). A experiência pessoal, social, histórica e cósmica dos povos se tornou o objeto para compreender a realidade por meio de símbolos. O pressuposto adotado por Voegelin passou a ser: “*a realidade da experiência é autoevidente*. Os homens valem-se de símbolos para expressar suas experiências, e os símbolos são a chave para compreender essas experiências” (VOEGELIN, 2007a, p. 124).

A partir desse pressuposto, Voegelin publica, em 1952, “A Nova Ciência da Política”, em que sugere que a ciência política deve partir da autorrepresentação dos povos e não delimitar *a priori* seu objeto de análise. Nessa obra, Voegelin faz uma associação entre o gnosticismo e as ideologias modernas ao sugerir que “iluminismo, humanismo, liberalismo e positivismo são considerados etapas de um gigantesco processo que se iniciou num sectarismo da Antiguidade e que culminou nos totalitarismos do século XX” (HENRIQUES, 2010, p. 76).

Na busca de concretizar seu projeto anunciado em “A Nova Ciência da Política”, Voegelin publica, entre 1956 e 1958, os três primeiros volumes de “Ordem e História”. O interesse de Voegelin era “descrever a sequência dos tipos de ordem detectáveis na história, mediante a análise dos simbolismos de autointerpretação das sociedades” (HENRIQUES, 2010, p. 77). Isto é, a ordem deveria ser conhecida a partir das

autointerpretações de sociedades históricas. Nesses três primeiros volumes, Voegelin perpassa as civilizações egípcia, mesopotâmica, israelita e helênica orientado pelo postulado de que “a ordem na história emerge da história da ordem”.

Antes de prosseguir com a publicação do quarto volume de seu projeto “Ordem e História”, Voegelin publica, em 1966, a obra “Anamnesis”. Essa obra representa uma reorientação importante nas análises voegelinianas. O autor abandona a descrição linear das concepções de ordem e sugere ser necessário uma “filosofia da consciência” para a compreensão da ordem dos povos. É por meio da *anamnêsis* ou “memoração” que o filosofar emerge e a *noêsis* capta as experiências formadoras da ordem. O abandono, portanto, da compreensão da ordem a partir de uma história linear leva Voegelin a deixar seu projeto inicial de “Ordem e História”.

Após dezessete anos das publicações dos volumes II e III de “Ordem e História”, em 1957, Voegelin publica o quarto volume da série, em 1974, intitulado “A Era Ecumênica”. O próprio Voegelin diz que essa obra “rompe com o programa que desenvolvi para *Ordem e história* no prefácio ao volume I da série” (VOEGELIN, 2014, p. 53). Em seguida, o autor explica a natureza e a causa dessa ruptura. No volume I da série “Ordem e História”, Voegelin estabeleceu que seu princípio orientador era: “a ordem da história surge da história da ordem”. Entendia-se que história era “um processo de discernimento crescentemente diferenciado da ordem do ser na qual o ser humano tem participação mediante sua existência” (VOEGELIN, 2014, p. 53). Para o autor, a ordem da história seria apresentada se as principais formas de existência do ser humano em sociedade e seus respectivos simbolismos fossem apresentados em sucessão histórica.

Entretanto, de acordo com Voegelin, à medida que a investigação prosseguia, tanto as estruturas como as simbolizações se mostraram mais complicadas do que havia sido antecipado. Apesar de o programa ter se acumulado mais do que o previsto, “o que finalmente rompeu o projeto foi a impossibilidade de alinhar os tipos empíricos em qualquer sequência de tempo que permitiria que as estruturas realmente descobertas emergissem de uma história concebida como um ‘curso’” (VOEGELIN, 2014, p. 54). Portanto, o problema central do projeto inicial era a tentativa de encontrar a ordem da história em uma história da ordem linear.

Com efeito, Voegelin não renuncia seu projeto original de identificar a ordem da história que surge da história da ordem, mas sim “revisa seu entendimento de como a

história da ordem tem que ser analisada e altera sua concepção da história baseado nessa análise revisada” (FRANZ, 2014, p. 16). A partir disso, Voegelin sugere que a ordem da história seja “discernida traçando-se a sucessão histórica de ‘tipos de existência’ e a sucessão de simbolismos correspondentes que articulam as ordens neles investidas” (FRANZ, 2014, p. 17). Importa-lhe, portanto, compreender a história como um processo de discernimento crescentemente diferenciado sobre a ordem do ser. Para tanto, o “problema ecumênico” surge a partir da necessidade de “analisar materiais históricos variados e experiências de uma série de civilizações com o objetivo de encontrar um sentimento comum” (FEDERICI, 2011, p. 136).

2 HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NO SER

Voegelin reconhece que houve, ao longo da história, vários eventos epocais ou “saltos no ser” que diferenciaram a consciência entre um Antes e um Depois. Cada civilização teve seus “saltos no ser” que motivaram a criação de símbolos próprios marcando a diferenciação entre um Antes e um Depois. Por isso, novos discernimentos da verdade da existência e a consciência sobre os eventos como épocas da história levaram a “um avanço no tempo de experiências compactas a experiências diferenciadas da realidade e, correspondentemente, um avanço de simbolizações compactas a simbolizações diferenciadas da ordem do ser” (VOEGELIN, 2014, p. 54).

Assim, Voegelin sustenta que:

A experiência humana registra avanços genuínos no tempo, designados conforme a configuração interpretativa em que são colhidos. São *irrupções de transcendência* enquanto acontecimentos de ordem espiritual projectados [*sic*] na sociedade; *saltos no ser* porque ocorrem de um modo que ultrapassa a iniciativa humana; *surtos diferenciadores* porque permitem a transição do estágio compacto da consciência para uma diferenciação, *eventos epocais* porque agrupam uma constelação de acontecimentos, personalidades e instituições. Todos esses termos assinalam as mudanças, em que se adquire consciência de um *antes* e de um *depois* da novidade. (HENRIQUES, 2010, p. 318).

Para Voegelin, as linhas de significado na história e os momentos diferenciadores da experiência humana não fluem em um tempo linear, mas sim para trás, para frente e para o lado dos “eventos epocais” de participação no ser. Por isso, as

“irrupções espirituais”, como as epifanias de Moisés, Cristo, Mani e Maomé, são as fontes de significado e de conhecimento na história. O ser humano vive na tensão da consciência do Intermediário divino-humano rumo à realidade divina. O homem vive na “metaxia” – referência à palavra platônica *metaxy* – que significa intermedialidade entre o divino e o humano. Ou seja, “os homens vivem na tensão entre um polo divino experimentado e o polo da vida terrena ou mundana” (MCALLISTER, 2017, p. 178).

Nesse sentido, o ser humano experimenta a alienação do divino enquanto vive no cosmos histórico e a vida é tensionada na intermedialidade. É na consciência que “o intelecto divino (*Nous*) induz o intelecto humano (*nous*) a envolver-se na busca do fundamento” (VOEGELIN, 2014, p. 255). Na busca do fundamento, surgem irrupções espirituais e simbolismos são articulados em linguagem de consciência noética à medida “em que constituem um Antes e Depois dentro do tempo que aponta para uma realização, para um *Escaton*, fora do tempo” (VOEGELIN, 2014, pp. 58-9).

A partir disso, Voegelin argumenta que a história não deve ser concebida de modo linear, mas como “o processo de participação humana num fluxo de presença divina que possui direção escatológica” (VOEGELIN, 2014, p. 59). São os “surto de ordem” ou “eventos epocais” que possibilitam distinguir os acontecimentos conforme um antes e um depois, traçando linhas de sentido na história. Desse modo, “o processo da história, e o tipo de ordem que nele se pode discernir, não é uma narrativa a ser contada do princípio a seu final feliz ou infeliz; é um mistério em processo de revelação” (VOEGELIN, 2014, p. 59).

Nesse sentido, Voegelin rejeita a “historiogênese”, a dizer, a construção unilinear da história ou a especulação sobre a origem e progressão linear da ordem social. A “historiogênese” é, para ele, “um simbolismo autônomo surgindo da cooperação da historiografia pragmática com a mitopoese e a especulação noética” (VOEGELIN, 2014, p. 119). Com efeito, a historiogênese é um modo de conceber a história como “uma forma simbólica desenvolvida por volta do fim do terceiro milênio a.C. nos impérios do Antigo Oriente Próximo” (VOEGELIN, 2014, p. 59). Ou seja, a historiogênese surge na formação da era ecumênica que, por sua vez, abrange “um período na história do gênero humano que se estende aproximadamente da ascensão do império persa à queda do império romano” (VOEGELIN, 2014, p. 175).

A era ecumênica ocorre quando há a queda de Israel e da Hélade, cujos processos de diferenciação da consciência na relação com o divino haviam sido,

respectivamente, a palavra revelada divinamente e o amor à filosofia. Novos impérios surgiram, como o iraniano, macedônio e romano, de forma orgânica – não planejada – para preencher o vácuo de poder e significado deixados por Israel e a Hélade. Surge o “ecúmeno” que são os “povos que são arrastados no processo de expansão imperial” (VOEGELIN, 2014, p. 186) e resultam em uma era ecumênica pragmática “em que uma multiplicidade de sociedades concretas, que anteriormente existiam sob a forma autonomamente ordenada, foram induzidas a um campo de poder político” (VOEGELIN, 2014, p. 195). O “ecúmeno” é, portanto, um império multicivilizacional resultado da conquista e mantido pelo poder militar. Os impérios que surgiram “arruinaram o simbolismo cosmológico ao destruírem o padrão cíclico e ao introduzirem [novas] sociedades étnicas em uma ordem social e política” (MCALLISTER, 2017, p. 176). Assim, a era ecumênica é um processo de diferenciação da consciência que deixa os impérios cosmológicos – Israel e Hélade –, preocupados com a questão de como a existência deriva da não existência, e chega aos impérios ecumênicos, preocupados com a formação de uma nova ordem política e espiritual universal, por meio de expansão territorial.

Em resumo,

O símbolo *Era Ecumênica* designa a configuração histórica em que a consciência da humanidade representativa emergiu, através de uma tríplice via de expansão imperial, surto espiritual e historiografia. No período que decorre entre os séculos VIII a.C e VIII d.C., o horizonte geográfico tornou-se global e o horizonte temporal expandiu-se pela memória historiográfica e pela expectativa apocalíptica. Essa *era* de erupções da consciência, expressas na tríade formada por *Espírito, Império e História* e culminantes na revelação cristã, criou um campo universal de consciência e um campo social da humanidade cuja descoberta e investigação se prolonga até ao presente. A época da experiência primária do *cosmos* cedeu o lugar a uma nova e diferenciada compreensão da realidade, anunciada pela filosofia grega e pela profecia israelitas [*sic*] e confirmada na experiência pneumática do Cristianismo. Surgiu o tipo de humanidade “que permanece como uma constante milenar até à moderna civilização ocidental”. E os movimentos modernos de desordem que negam as origens noéticas da diferenciação da realidade, provêm de doutrinas de tipo *gnóstico* que seriam impensáveis sem as diferenciações então surgidas. (HENRIQUES, 2010, pp. 89-90).

Com efeito, o período de formação do ecúmeno pragmático surge como um objeto de organização de eventos políticos articulados pelo historiador que passam a dar

forma à “historiogênese”. Nesse momento, surgem os simbolismos de “eras” e “períodos”. Porém, a concepção de história linear deve ser rejeitada, segundo Voegelin, por ser um “simbolismo cosmológico” (VOEGELIN, 2014, p. 60) do próprio processo de participação do ser. A história linear é um “simbolismo cosmológico” por ser resultado da seleção e omissão de materiais por um povo ou indivíduo que se propõe conhecedor da história da ordem, isto é, é um simbolismo humano sobre o processo da história. Apesar disso, é esse simbolismo cosmológico ou historiogênese que reconta a história humana desde as “sociedades suméria e egípcia, mediante seu cultivo por israelitas e cristãos, direto às ‘filosofias da história’ do século XIX d.C” (VOEGELIN, 2014, p. 60).

Contudo, esse simbolismo cosmológico forma uma “mitoespeculação” que é uma “especulação dentro do veículo do mito” (VOEGELIN, 2014, p. 120), isto é, a tentativa de apreender a história de modo unilinear leva a uma especulação dentro do mito cosmológico. E, por isso, a historiogênese revela-se como “uma extrapolação mitoespeculativa da história pragmática na direção de seu ponto de origem cósmico-divino” (VOEGELIN, 2014, p. 159). Assim, a história unilinear leva a uma extrapolação especulativa sobre o mito cosmológico em busca de sua origem cósmico-divino.

Para Voegelin, a história é um processo aberto à presença divina e tem direção escatológica não conhecida por apenas um povo ou indivíduo. O autor sugere que a compreensão da história da ordem se dê pelo processo de diferenciação da consciência do ser humano. Quando o ser humano participa da realidade divina, ele passa a criar símbolos, palavras como *psique*, *pneuma*, *nous*, para evidenciar sua experiência no divino. São as experiências simbolizadas ou a relação “verdade-experiência-símbolo” que formam a “unidade de significado do Entremeio, uma iluminação de realidade cuja estrutura e processo em si diferenciam uma nova verdade no curso do próprio acontecimento” (SANDOZ, 2010, p. 306).

Nesse sentido, o “evento teofânico” causa uma diferenciação na consciência do indivíduo na compreensão da história da ordem. A teofania abre a ordem da história que emerge da história da ordem. E os eventos teofânicos levam ao “êxodo espiritual” dentro da própria estrutura da história ao revelar novas experiências da ordem. É a participação humana na teofania que anuncia “o significado da história” (SANDOZ, 2010, p. 326). A diferenciação de consciência, por sua vez, possibilita vários modos

humanos de participação na experiência universal no mistério divino que produzem avanços epocais de discernimento da estrutura cosmológica. A nova verdade conhecida pela experiência teofânica “pertence à consciência do ser humano de sua humanidade na tensão participativa rumo ao terreno divino, e a nenhuma realidade além dessa área restrita” (VOEGELIN, 2014, p. 61).

Assim, Voegelin rejeita a “ecumenicidade”, a saber, “a tendência de uma comunidade que representa a fonte divina de ordem a expressar a universalidade de sua reivindicação fazendo a si mesma coextensiva com o ecúmeno” (VOEGELIN, 2014, p. 199). Isto é, nenhuma experiência com o divino transcendente pode ser universalmente obrigatória para todos os seres humanos, pois o próprio processo de diferenciação da consciência ocorre a partir das novas irrupções espirituais de diferentes povos e indivíduos. Nesse sentido, “o significado na história é constituído mediante a reação do ser humano ao movimento imortalizador do pneuma divino em sua alma” (VOEGELIN, 2014, p. 380). Portanto, “a história da ordem é a história da consciência; a história da consciência é a história da interação divino-humana enquanto articulada pelos símbolos que emergem dessa mútua participação. A história é a história contada por Deus” (MCALLISTER, 2017, p. 375).

Através do processo de diferenciação da consciência, Voegelin (2014, pp. 381-2) sustenta as seguintes teses sobre a história:

a) “a história se torna visível como o processo em que ocorrem as diferenciações”;

b) “a história se torna visível como uma dimensão de humanidade além da existência pessoal do ser humano na sociedade”;

c) “a história é descoberta como o processo no qual a realidade se torna luminosa para o movimento além de sua própria estrutura; a estrutura da história é escatológica”;

d) “a história não é um processo meramente humano, mas divino-humano” (...) “a dimensão histórica de humanidade não é nem tempo do mundo nem eternidade, mas o fluxo de presença na metaxia”; e

e) “a universalidade do gênero humano é constituída pela presença divina na metaxia”.

Assim, a história das sociedades humanas é a expressão, em termos simbólicos, de várias experiências da ordem apreendidas diferentemente por cada sociedade. Ainda

assim, a realidade simbolizada por cada sociedade é uma só, pois, para Voegelin, a verdade da existência

Assume a forma histórica de uma pluralidade de movimentos que brotam na Pérsia e na Índia, em Israel e na Hélade. A diferenciação da verdade única da existência, assim, é rompida num espectro de erupções espirituais, cada uma ostentando a marca da cultura étnica na qual ocorre. Ademais, nenhuma das diversas erupções expande a exegese do evento teofânico numa simbolização completamente equilibrada de ordem que cubra toda a área de existência do ser humano na sociedade e na história. As reações humanas às irrupções divinas tendem, antes, a acentuar diferentes aspectos da verdade única da existência do ser humano sob Deus, tais como as revelações pneumáticas grega noética ou israelo-judaica da realidade divina. (VOEGELIN, 2014, pp. 378-9).

O “evento teofânico”, segundo Voegelin, resulta: a) na diferenciação da consciência com a compreensão de uma nova verdade; b) na possibilidade de que os indivíduos criem novos símbolos de sua participação no ser; e c) na não abolição do “cosmos no qual ocorre o evento” (VOEGELIN, 2014, p. 61). A participação humana no Ser mantém o equilíbrio entre o cosmos e o além quando não busca imanentizar o divino. Contudo, movimentos gnósticos e ideológicos levam à perda do equilíbrio quando se propõem detentores de um conhecimento capaz de imanentizar o Ser, abolindo ou revolucionando a ordem do cosmos.

Para a devida compreensão da ordem da história é preciso “se mover para trás, para frente e para o lado, a fim de acompanhar empiricamente os padrões de significado à medida que se revelavam a si mesmos na autointerpretação de pessoas e sociedades na história” (VOEGELIN, 2014, p. 113). Deve-se resgatar o significado dos símbolos primários deformados pela imanentização ideológica do Ser. O propósito de Voegelin é, assim, retirar “o maciço bloco de símbolos acumulados, secundários e terciários, que eclipsa a realidade da existência do ser humano na Metaxia” (VOEGELIN, 2014, p. 113). Seu interesse é dar continuidade à investigação platônico-aristotélica da consciência noética “sobre o fundamento divino da existência, conscientemente conduzido na metaxia, na realidade metaléptica em que *to theion* é o parceiro móvel” (VOEGELIN, 2014, p. 257).

3 IDEOLOGIA E EGOFANIA NA ORDEM DO SER

Na primeira fase de seu pensamento, Eric Voegelin (2007a, pp. 79-85) já se mostrava um crítico às ideologias políticas por: a) serem anticientíficas; b) causarem a morte de seres humanos; c) distorcerem a linguagem; e d) vulgarizarem as discussões intelectuais. Devido a essa postura independente, Voegelin declara: “fui chamado, por partidários desta ou daquela ideologia, de todos os nomes possíveis e imagináveis (...) Eu nunca respondi a críticas desse tipo, seus autores podem ser objetos de estudo, mas jamais interlocutores em uma discussão” (VOEGELIN, 2007a, pp. 80-1).

Voegelin nunca abandonou sua postura incisivamente crítica às ideologias modernas. Em 1964, o autor (2007b) ministrou várias palestras na Universidade de Munique analisando a culpa individual dos alemães da época na ascensão do regime nazista. O autor identificou que o problema da “estupidez ideológica” é imanentizar o transcendente. Voegelin sugere ser preciso “dominar o presente” por meio da análise do passado para consolidar uma consciência moral que oriente o presente e se livre da deturpação da linguagem ideológica. Para Voegelin, a desdivinização da realidade e desumanização levaram à perda da realidade. E essa estupidez criminosa, que tem dimensão social, tentou destruir os outros e a própria realidade.

Depois de mostrar a degenerescência moral e espiritual de intelectuais, de instituições eclesiásticas e do próprio Estado diante do nazismo, Voegelin conceitua ideologia como “segunda realidade” que rejeita a “primeira realidade” (experiência ordinária do senso comum) e tenta imanentizar o transcendente. Voegelin (2007b, pp. 311-32) sugere critérios para caracterizar uma ideologia: a) dominação social e legitimação com base na autoridade; b) o que é imaginado substitui a realidade objetiva; c) a linguagem perde seu sentido comum e perde sua relação com a primeira realidade; d) busca imanentizar o transcendente; e e) a visão de mundo do ideólogo toma o lugar da realidade objetiva. Assim, a segunda realidade (ideologia) passa a conflitar com a primeira realidade (experiência ordinária objetiva).

Em “A Era Ecumênica”, Voegelin identifica que o principal elemento caracterizador da ideologia é o “imanentismo”. Para ele, na busca moderna de autossalvação, não se permite mais eventos teofânicos que estabeleçam significado na história por meio de um maior discernimento da verdade da existência. Pois “novos Messias” postulam significado da história e simbolizam “o *opus* de transfiguração revolucionária” (VOEGELIN, 2014, p. 327). Esse movimento leva à “revolta egofânica” que é um novo tipo de história inventado, entre os séculos XVIII e XIX, para

acomodar novos “Cristos” ou “Messias” que rejeitam a realidade teofânica. Nesse sentido, ideólogos passam a propor e existir em “um estado de alienação [da realidade] e obsessão libidínica”, chamada por Voegelin de “egofania”. Ideólogos com seus jogos de alienação usam símbolos filosóficos de maneira degradada e dispõem de um “eu dividido” que sugere uma estrutura de “metaxia” em estado de alienação.

A “revolta egofânica” é, portanto, a epifania do ego que eclipsa a epifania de Deus na consciência, isto é, é a negação do divino e a concentração no ego temporal como fundamento para experiência concreta. É a criação de “uma história egofânica imaginária concebida para culminar na autorrealização apocalíptica do pensador, como nas ‘filosofias da história’ de Condorcet, Comte ou Hegel” (VOEGELIN, 2014, p. 332). Para criar essa história imaginária, os eventos teofânicos são reconstruídos como “eventos egofânicos” e a realidade da “metaxia” é levada ao desaparecimento. A partir disso, “uma ‘história’ radicalmente egofânica é construída com a intenção de não deixar espaço para experiências teofânicas e sua simbolização” (VOEGELIN, 2014, p. 333).

Nas palavras de Voegelin,

No que diz respeito à divindade de Deus, os símbolos engendrados por eventos teofânicos têm que ser entendidos como projeções de uma consciência autorreflexiva imperfeitamente desenvolvida; no estado de autorreflexão perfeita (Hegel) Deus está morto (Sade, Hegel), e se não está suficientemente morto tem que ser assassinado (Nietzsche), de sorte que o homem-Deus egofânico ou super-homem (Feuerbach, Marx, Nietzsche) pode estabelecer o domínio final de liberdade na história. (VOEGELIN, 2014, p. 333).

O problema da ideologia é, assim, a “revolta egofânica” que rejeita a razão divina e afasta a experiência e conhecimento sobre a realidade, substituindo a “primeira realidade” por “sistemas” construídos por ideólogos. Voegelin assenta essa concepção quando diz que:

[Nos fenômenos ideológicos modernos] houve uma rejeição da razão divina na revolta egofânica. Não é possível se revoltar contra Deus sem se revoltar contra a razão e vice-versa. Essas interpretações, elaboradas a partir de uma existência corrompida e não mais aberta à realidade do plano divino, precisam afastar a experiência desse plano de qualquer consideração sobre a realidade. Desse procedimento, resultam fenômenos típicos. Entre eles, o mais importante é a construção de *sistemas*. (VOEGELIN, 2007a, p. 118).

Voegelin sugere que essa “revolta egofânica” é uma obsessão moderna que deforma a realidade ao reduzir a humanidade ao eu libidinoso, assassinando Deus e recusando a participação do diálogo do gênero humano. Por isso, o autor declara: “uma era moderna em que os pensadores que deviam ser filósofos preferem o papel de empreendedores imperiais terá que experimentar muitas convulsões antes de ter se livrado de si mesma, juntamente com a arrogância de sua revolta, e encontrar o caminho do retorno para o diálogo do gênero humano com sua humildade” (VOEGELIN, 2014, p. 258). Portanto, a “revolta egofânica” é o fenômeno da arrogância humana sob a vestimenta do caráter ideológico. É a declaração do “Fim da história” que eclipsa a primeira realidade com segundas realidades, fazendo com que a participação do homem no Intermédio seja “brutalmente comprimida na *identificação* do divino com o humano na consciência do especulador humano que efetua, com isso, a Parusia em si mesma como o novo Cristo” (SANDOZ, 2010, p. 329).

Assim, o problema da ideologia é “manipular pressupostos sobre o que seja história, sociedade e pessoa” e pulverizar “o sentido da realidade comum em visões privadas, recusando a possibilidade de teorias não-imanentes da existência humana” (HENRIQUES, 2010, p. 236). Os ideólogos criam uma pseudorrealidade através de sistemas egofânicos construídos à semelhança de uma gnose antiga. Segundo Voegelin, sob esse fenômeno subjaz um problema espiritual, qual seja, a perda do transcendente e a construção de uma “segunda realidade”. Os sistemas de segunda realidade, como o liberalismo, o conservadorismo, o socialismo, o comunismo, o positivismo, etc, sugerem uma revolta contra a estrutura da realidade. A natureza humana é reduzida à imanência em nome de perfeições imaginárias.

Para Voegelin, o filósofo deve encontrar o equilíbrio da consciência buscado por Platão e Aristóteles, qual seja, “o equilíbrio entre a durabilidade experimentada e os eventos teofânicos” (VOEGELIN, 2014, p. 296). O “princípio do equilíbrio” entre a realidade experimentada e o divino é o objetivo da ciência noética voegeliniana. Para alcançá-lo, é preciso uma abertura da psique para o fundamento divino que se revela em teofanias. O homem pode reconhecer a atração tensionada pela transcendência, mas não pode escapar dessa alienação terrena sem desequilibrar a ordem da consciência.

Como plantonista, Voegelin sugere que a concepção política do pensador é consequência da ordem de sua alma. A base da ordem se encontra na alma do indivíduo que deve participar da existência divina e manter o equilíbrio divino-humano na

metaxia. Desse modo, o desarranjo espiritual do filósofo pode levá-lo à perda do equilíbrio de sua consciência e à formulação de uma imortalidade imaginária. Na busca de certeza no Intermédio, surgem as ideologias como processos de imanentização do transcendente. O ideólogo propõe um conhecimento humano capaz de levar a história a uma conclusão mundana. Novas formulações imaginativas formam ideologias de segundas realidades que obscurecem o fundamento divinal. Segundo Voegelin, “os exemplos mais importantes desse tipo são as construções de histórias especulativas, do século XVIII d.C. ao presente, as quais concedem uma imortalidade imaginária pela participação ativa num processo imaginário de história” (VOEGELIN, 2014, p. 307).

Voegelin considera que a ideologia é, portanto, uma “especulação” em que o pensador alega autoridade externa sobre a realidade concreta ou primeira realidade. O além é encarnado pela imaginação do especulador que proclama uma suposta revelação última sobre a existência. A realidade passa a ser passível de conclusão conforme o “sistema” do especulador e, assim, “a realidade experimentada e simbolizada pela existência consciente de todos os homens” é “substituída pela Segunda Realidade da especulação”, de modo que “o princípio histórico do Sistema especulativo” se torna “o verdadeiro Princípio conducente ao verdadeiro Fim da história” (VOEGELIN, 2010, p. 73). A ideologia é o desejo de dominar a realidade. É uma deformação da consciência que substitui a primeira experiência pelas segundas realidades, invertendo a formação da realidade pela deformação.

O filósofo, segundo Voegelin, deve entender que a realidade é um Mistério. As coisas escatológicas não podem ser deformadas em um “‘Sistema de Ciência’ hegeliano, ou marxista, ou comtiano, cuja magia evocativa se destina a concretizar as expectativas ‘historicamente’” (VOEGELIN, 2014, p. 409). A realidade deve ser mantida como um Mistério e sua destruição por meio de respostas de “dogmatomaquias” (sistemas dogmáticos) contemporâneas deve ser evitada. A realidade é uma “Questão” da “metaxia” cuja resposta é o “Mistério” que só se torna mais luminoso por meio do questionamento. Por isso, “qualquer tentativa de encontrar uma resposta desenvolvendo-se uma doutrina que diga respeito a eventos espaciotemporais destruirá a estrutura Intermediária de humanidade do ser humano” (VOEGELIN, 2014, p. 409). O fechamento da “Questão” impossibilita a participação existencial humana no processo da realidade. Quando Hegel, Comte, Marx tentam dar uma resposta definitiva à “Questão”, o fluxo da presença divinal é “reduzido a tempo

imane” e “a estrutura do processo é distorcida, se não destruída” (VOEGELIN, 2014, p. 412).

Em “A Busca da Ordem”, o homem nunca chega a um ponto de repouso, mas persiste na tensão de um cosmos tensionado entre o divino e o humano. Essa busca só pode implicar, portanto, na exploração das “estruturas no mistério divino da realidade complexa e, por meio da análise das respostas experimentadas às atrações tensionais, alcançar alguma clareza sobre sua própria função no drama do qual participa” (VOEGELIN, 2010, p. 129). Não há resposta última na experiência penúltima.

A rejeição da “historiogênese”, das ideologias modernas e da “revolta egofânica” leva Voegelin a defender que a realidade Intermediária é apenas uma parte de um Todo. Na realidade Intermediária, o processo do Todo se torna luminoso rumo ao movimento escatológico além da estrutura da “metaxia”. Esse Todo acontece em Deus e é um “Mistério de uma realidade que produz o universo e a Terra, vida vegetal e animal sobre a Terra, e finalmente o ser humano e sua consciência” (VOEGELIN, 2014, pp. 414-5). É a própria realidade divina experimentada na consciência que cria e fundamenta a ordem. O Todo faz com que a realidade seja “um mito falado por Deus e contado pelo homem” (SANDOZ, 2010, p. 341) através de linguagem simbólica. Portanto, a ordem da história reside em encontrar a ordem da consciência e o princípio do equilíbrio na participação humana no ser divino através de epifanias espirituais representadas pelos simbolismos civilizacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Era Ecumênica” marca a última mudança significativa no pensamento de Eric Voegelin. Essa mudança diz respeito à compreensão da história da ordem na consciência. No começo do projeto de “Ordem e História”, Voegelin buscava compreender a ordem da história a partir de uma concepção linear da história. Em “A Era Ecumênica”, o autor concebe a história como um processo aberto de participação humana na presença divina. O enfoque deixa de ser a compreensão linear da história e passa a ser as irrupções espirituais como fontes de significado da ordem da história. No último volume de “Ordem e História”, que restou incompleto, Voegelin se mantém “Em Busca da Ordem”. A história continua um processo inacabado e o mistério da participação no divino no Intermédio ou “metaxia” continua aberto.

A partir da premissa de que a história é um processo aberto que ruma ao Escaton e que seu significado só pode ser apreendido por meio das irrupções espirituais, Voegelin sugere que o problema da ideologia diz respeito à tentativa de imanentizar a existência divinal. A ideologia leva a uma “revolta egofânica” que representa uma perda do equilíbrio na consciência entre o cosmos e o além. Os ideólogos buscam ou prometem atalhos para a imortalidade através da imanentização do divino no Intermédio. Assim, a ideologia representa a desordem da consciência sobre a existência.

Cabe ponderar, entretanto, que a distinção voegeliniana entre o além e o Intermédio, cuja ordem só pode ser buscada na consciência mas nunca é encontrada na história da ordem, sugere uma mística apolítica em sentido normativo. A conclusão da obra de Voegelin é de que a “Questão” sobre a existência é um Mistério conhecido em parte pelas irrupções espirituais ao longo da história nas mais diferentes civilizações. Essa concepção voegeliniana resulta em uma mística panenteísta da realidade com pouca repercussão para a ordem política concreta. Em Voegelin, a realidade é participação da humanidade no ser divino e a ordem é um mistério em aberto. Qualquer tentativa de oferecer resposta à existência e à ordem da história é rejeitada como fechamento da experiência existencial ao divino e como ideologia. Nesse ponto, tem-se um eclipse total da concepção da relação divino-humana já que o divino resta um “Deus desconhecido” e a ordem da história um processo inalcançável na consciência.

Deve-se também considerar que se o divino é um uno transcendente cujo conteúdo não pode ser apreendido por uma religião, como Voegelin sugere, os diferentes dogmas religiosos que se contradizem deixam de ser passíveis de discussão e um relativismo religioso se instala. E se o divino é um Todo uno conhecível a partir de várias experiências que se equivalem e podem resultar em conteúdos diversos, então o divino nunca poderá ser conhecido e a apreensão do Escaton permanecerá, para sempre, um mistério aberto. Por isso, a “busca da ordem” pode se tornar um processo interminável e inalcançável e a repercussão sobre a ordem política concreta torna-se nula.

Portanto, o “último Voegelin” de “A Era Ecumênica” não oferece e nem quer oferecer uma filosofia política sobre a ordem concreta. Sua compreensão da existência humana na “metaxia” e sua relação com o ser transcendente é abstrata. A preocupação de Voegelin diz respeito à ordenação da consciência no encontro com o Ser. Essa filosofia da consciência, porém, tem pouco a dizer sobre a política concreta. Na melhor

das hipóteses, pode-se considerá-la uma filosofia política negativa, a dizer, uma filosofia que rejeita projetos ideológicos e que, por tanto receio de se tornar ela mesma uma ideologia, nada tem a dizer sobre a ordem política concreta. Assim, a crítica à imanentização do Escaton é tão restritiva que não permite que o próprio Voegelin sugira qualquer concepção para ordem política concreta. E, nesse sentido, revela-se uma filosofia apolítica em sentido normativo, pois a ordem da estrutura da realidade política na consciência é inalcançável.

REFERÊNCIAS:

- FEDERICI, Michael P. *Eric Voegelin: a restauração da ordem*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- FRANZ, Michael. Introdução do editor. In.: VOEGELIN, Eric. *A era ecumênica*. Volume IV: Ordem e história. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, pp. 9-38.
- HENRIQUES, Mendo Castro. *A filosofia civil de Eric Voegelin: teses*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- MCALLISTER, Ted V. *Revolta contra a modernidade: Leo Strauss, Eric Voegelin e a busca de uma ordem pós-liberal*. 1. Ed. – São Paulo: É Realizações, 2017.
- SANDOZ, Ellis. *A Revolução Voegeliniana: uma introdução biográfica*. São Paulo: É Realizações, 2010.
- VOEGELIN, Eric. *Reflexões Autobiográficas*. São Paulo: É Realizações, 2007a.
- VOEGELIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo: É Realizações, 2007b.
- VOEGELIN, Eric. *Em busca da ordem*. Volume V: Ordem e história. – 1. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- VOEGELIN, Eric. *A era ecumênica*. Volume IV: Ordem e história. – 2. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.